

Trazida da floresta especialmente para o ritual, a tora de *mavunhá*, a madeira lendária usada na criação do homem, recebe a pintura e os adornos de um guerreiro. Colocada no centro da aldeia, acolhe o espírito do morto. O fogo aceso ao pé do tronco indica a presença do homenageado. Durante a vigília que antecede a cerimônia, chegam os convidados, e os familiares são banhados para afastar a tristeza. Quando o dia nasce, danças e combates são realizados para celebrar o fim do luto. É assim, com a realização de um *Quarup*, que os povos do Xingu se despedem de um grande homem que desejam honrar.

Neste número, produzido um ano após sua morte, *Percurso* homenageia Pierre Fédida, pensador da permanência do primitivo, da morte do pai, da ausência, do luto e da potência memorial da fala reminiscente para constituir o *epos*, o sítio da linguagem na análise.

Fédida deixou no Brasil leitores e amigos que, no ano que passou, aceitaram um convite para materializar pela escrita as marcas do seu pensamento. Compartilharam o desejo de dar a conhecer a vitalidade das suas reflexões, sua inventividade teórica, sua convicção inabalável de que a atividade metapsicológica do analista – na escuta clínica e na escritura que procura desenhá-la – é o que pode preservar a psicanálise do desaparecimento.

Os artigos aqui reunidos procuram abrir ao leitor janelas pelas quais vislumbrar as múltiplas dimensões de uma obra firmemente enraizada na clínica e fertilizada por uma sólida formação em psiquiatria, psicopatologia, filosofia e ciências humanas. Empreendimento delicado de apresentar um autor para quem “...ser analista significa existir com seu próprio pensamento, e numa fala sempre pouco disposta a deixar seu silêncio em função do público... o analista em trabalho é aquele que, nas horas da noite, escreve em seu caderno – para ninguém e por vezes nem para ele mesmo – aquilo que permanece presente em seu pensamento como uma questão insistente cujos contornos ele igno-

ra”. Os artigos deste número brotam da insistência, para cada autor convidado, das muitas questões que Fédida suscitou com seus escritos e suas falas.

Porém, tanto quanto a permanência de restos que tocam a singularidade de cada autor, também toma forma, em vários artigos, a forte impressão da sua presença. A transcrição de suas palavras num seminário clínico ou numa defesa de tese, os traços de seu rosto, sua voz, seus trajés, uma conversa ou um olhar carregados de sentido, curiosidade, ternura, ironia. O valor, para muitos, de sua amizade. Lembranças de quem sabe da ausência e não quer esquecer. Testemunhos de transferência. “A visualidade da imagem no presente da palavra é, na linguagem, lugar(es) de memória anacrônica.” O *epos* da linguagem evoca, torna visível em imagem de recordação e de sonho. O sonho, escreveu Fédida, tem por tarefa “contar os mortos”, nomeá-los, como gesto último de respeito por sua integridade.

Ao entardecer, para finalizar a cerimônia, o tronco de *maivurá* é rolado até a margem do rio. Lançado às águas, liberta o espírito do guerreiro que irá juntar-se a seus pares ilustres na aldeia dos mortos. De lá voltará apenas em sonhos e na narrativa dos que o conheceram às novas gerações.

Pierre Fédida era querido em nosso meio e a este afeto correspondia calorosamente. Visitava o Brasil não apenas para proferir suas palestras e conduzir seminários. Sua escuta e seu olhar *estrangeiro* eram sensíveis às nossas peculiaridades, levando-o a se interessar por nossa gente, nossos costumes, nossos problemas e nossa cultura. Aprendeu a entender nosso idioma a ponto de, após alguns anos, por vezes dispensar que lhe traduzissem nossas falas.

Daí nosso desejo de lhe dedicar este número especial de *Percurso*, um número *quarup*. Entregue aos leitores – com saudades, e com alegria por tê-lo sonhado e produzido –, esperamos que faça seu trajeto e dissemine as contribuições deste grande homem da psicanálise que desejamos honrar.